

QUESTÃO 1.

A história complexa do fenômeno da cidadania demonstra que o exercício de certos direitos, como a liberdade de pensamento e o voto, não gera automaticamente a resolução de problemas sociais. É justamente isso que a história republicana de nosso país demonstra. Apesar das expectativas que se levantam em torno da noção de um regime republicano, a proclamação da República não alterou antigos quadros de exclusão, sobretudo aqueles ligados à posse da terra em um país que, desde antes de 1889, insistiu (e insiste) em seu caráter agrário-exportador e tinha<sup>havia</sup> na latifúndio um dos sustentáculos políticos dos elites/grupos governantes.

As estruturas excludentes e autoritárias que permeiam o campo brasileiro deram origem a várias mobilizações sociais entre os anos de 1940 e 1980. O governo JK foi um momento importante nessa luta, marcado pelo crescimento da mobilização do povo não só diante de um governo que insistia no desenvolvimento urbano, deixando de lado os graves problemas que assolavam os áreas rurais. (Especuladores) fundiários e a elite agulha expulsaram o camponês para fora da terra, forçando a ida para as cidades, o que por sua vez, esteve na base do processo de favelização.

Foi justamente neste contexto que, nas décadas de 1950, surgiram as organizações camponesas em busca de reforma agrária, culminando nas Ligas Camponesas que, entre 1950 e 1960, introduziram a questão agrária no centro da agenda política nacional. Até 1960, as Ligas Camponesas travaram uma disputa jurídica pelos direitos civis e sociais. O pouco sucesso da estratégia aliado ao contexto de radicalização política dos anos 1960 levaram a uma nova postura, mais radical. "Na lei ou na mão, com flores ou com sangue" seria o novo lema do movimento a partir de então. As batalhas jurídicas cederam espaço à invasão e ocupação das terras, movimento ali hoje presente no MST.

Outras forças, como os comunistas e a própria Igreja Católica, tentaram atuar sobre o campo, propondo saídas. Os primeiros, já separados das ligas por causa das divergências de ocupação, insistiram na criação de sindicatos rurais para alterar a situação do campo. Militantes se designaram para as áreas rurais com aquele propósito. A Igreja Católica, por sua vez, se dividiu ante o problema e uma parte mais radical tentou as importações de melhores condições de vida no campo, inclusive através do acesso à educação. A atuação de Paulo Freire não deixou de ser paradigmática neste ponto com a sua pedagogia em busca da autonomia dos oprimidos.

O fato é que ~~o~~ não obstante a ação desses movimentos, a estrutura agrária segue não resolvida no Brasil. Alguns direitos até foram conquistados, <sup>de algumas desapropriações</sup> porém a veto <sup>de algumas desapropriações</sup> parte da extensão das leis trabalhistas ao campo na década de 1960. Mas muitos pontos seguem abertos e a posse da terra é o principal deles. O peso político do agronegócio e a manutenção de um perfil econômico agrário-exportador limitam as mudanças no campo, ainda hoje marcado pela concentração fundiária, pela exploração, pela desestruturação dos direitos indígenas e pela violência. ~~nestas~~ Esta, muitas vezes, controlada pelo próprio aparato político do Estado, mas os juízes policiais. O que demonstra que, tal qual ocorre com outros movimentos sociais, a luta pela terra no Brasil não raras é tratada como um caso de polícia.

## QUESTÃO 2.

Desde muito tempo o Império ultramarino Português foi analisado sob a ótica das relações verticalizadas (e institucionalizadas) entre metrópole e colônia. A primeira preocupação em extrair as riquezas (recursos naturais, exploração agrícola) da segunda. Nas últimas anos em posicionamentos tem sido revista. Em seu lugar tem se imposto um esforço para entender as interações das dimensões atlântica e continental da história colonial, examinando a interdependência entre a Europa, a África e a América e não a visão atomizada do fluxo transatlântico de bens, pessoas, capital e ideias. De acordo com Bailyn, professor em Harvard, a integração entre a Europa Ocidental, a África e as Américas era tal ~~que~~ <sup>que</sup> desde o início moderna foi percebida nos colonizadores como uma única entidade.

Essa nova postura tem sido adotada e explorada por Jean Felipe Aleixo, Alberto da Costa e Silva e João Freixo em seus estudos, revelando aspectos importantes das relações que se constituíram no interior do Império Português da época moderna. A <sup>mesma</sup> ~~mesma~~ demanda bem a amplitude geográfica dessas relações.

A medida que a produção açucareira americana no Nordeste cresceu o número de escravos africanos trazidos para o Brasil. O momento de tráfico negreiro ao longo do século XVII, utilizava espaços distintos, como regiões da América e da África Ocidental, em especial Angola. A ligação entre o Nordeste açucareiro e Angola, grande fonte de escravos para o Brasil, foi um dos fatores que levou os holandeses a invadirem as duas regiões durante o século XVII: afinal, não adiantava controlar as áreas produtoras

de açúcar e não controlar o ~~fluxo~~ suprimento das fazendas que faziam as fazendas crescerem, em vez, as regiões que abasteciam ~~as~~ aquelas regiões com os escravos. Foi essa mesma ligação entre produção canieira - escravidão - acumulação de capital que levou os comerciantes do Rio de Janeiro a financiar, a seus custos, a reconquista da Índia aos meros holandeses alguns anos depois.

A ~~ligação~~ economia açucareira não foi o único setor em que as relações Europa-América - África ficaram unidas. Muito do que ocorreu no Atlântico repetiu-se no Brasil e vice-versa. O Brasil importava e exportava e a parana da Costa, enquanto que a África importava o ouro, o marfim e o milho de sua cultura. Pessoas circulavam pelo império: degredados, funcionários régios, religiosos, mercadores e escravos, levando consigo experiências de cada lugar. O Império Ultramarino português foi construído e unido através dessas grandes redes que o cortavam.

As conjunturas históricas alteram o ritmo das relações. ~~Desde~~ Até o século XVII, o Oriente ~~foi~~ era o eixo central das ações metropolitanas, de acordo com o ritmo das intencões coloniais régias. Mas a medida em que o Império Português Oriental foi se restringindo a regiões específicas, como Goa, Malaca e algumas feitorias e a América se tornou mais interessante economicamente, as políticas régias redirecionaram seu foco, alterando sua prioridades. Como demonstrou Fragoso, ao saber dessas dinâmicas internas, o papel de Império e feitorias, e, ao longo dos séculos XVII e XVIII, em cada vez mais no caso pelo circuito comercial transatlântico e pelo fortalecimento e enriquecimento de grupos coloniais, como os comerciantes do grosso trato do Rio de Janeiro, logo assimilado ao ritmo do trabalho da terra.

Esse emaranhado de relações que marcava o Império Ultramarino Português ultrapassava o papel limitado de um pacto colonial com uma mente das relações entre metrópole e colônia. A construção da futura colônia, os recorrentes pedidos de mercês régias e títulos de nobreza e a dinâmica escravidão demonstram que não se tratava de relações verticais entre o Império.

### Questão 3:

O período que vai de 1945 a 1964 é marcado, na História do Brasil, por uma profunda instabilidade, mas também pela expansão dos direitos políticos e civis com a Assembleia Constituinte e a garantia das liberdades de imprensa e de organização. Nesse sentido, caberia refletir,

juntamente com os alunos, ali que posto a conquista daqueles direitos políticos e civis possibilitaram, ou não, a articulação de grupos sociais em defesa de transformações sociais mais profundas na sociedade brasileira.

A partir desta reflexão principal é possível levar os alunos a refletirem sobre o uso do conceito de cidadania de uma forma mais ampla e de uma forma mais específica, aplicando a conjuntura histórica dos anos 1945-1964. Esse movimento significa considerar não apenas a falta que estava ocorrendo no Brasil, mas é importante integrá-los numa perspectiva mais ampla das lutas que aconteciam na América Latina no mesmo período. Isso é possível, sobretudo, pelo compartilhamento de alguns problemas, como o da reforma da terra, por exemplo. Tanto no Brasil quanto <sup>em outros países da</sup> América Latina as estruturas excludentes no campo e o autoritarismo político e econômico geraram movimentos de insatisfação. A Revolução Cubana talvez seja o exemplo máximo dessas lutas e que acabou sendo exportada - ou melhor, e que acabou optando - dados as conjunturas externas - pelo viés socialista.

Um segundo ponto de reflexão importante a ser explorado envolve o uso do populismo. O termo nasceu - e ainda hoje nasce - as disputas políticas e sociais no Brasil. A partir da falta pelo populista foi o discurso do Getulismo tendo em vista a população e é possível problematizar as noções (1) daquela identificação popular <sup>às vezes</sup> (e nem por isso cabe insistir na grande conexão e resultado foi o suicídio de Vargas frente ao populismo, ocasionado manifestações públicas de insatisfação e uma agitação popular que, para muitos historiadores, acabou o golpe militar) e (2) do sentido pejorativo assumido pelo termo populismo e o que aquela tipo de caracterização das manifestações populares de aderência ao governo demonstrava e refletia da relação entre estado e sociedade que se construiu no Brasil.

Dadas possibilidades de abordagem do tema insere-se no tema "O petróleo é nosso" e nos acompanha, com falta pelo <sup>populista</sup> popular em torno da criação da Petrobrás. Nesse caso, é importante estabelecer uma relação entre os discursos que ocorreram na sociedade brasileira dos anos 1950 (e que ~~eram~~ <sup>vale lembrar</sup> ~~eram~~ <sup>antes</sup> com o livro de Monteiro Lobato sobre o assunto) e as que ocorreram, hoje em dia, em torno da privatização das empresas estatais, dentre elas, a Petrobrás. Por meio desse procedimento seria possível levar os alunos a refletirem sobre questões como: a contestação de modelos ~~econômicos~~ <sup>teorias</sup> econômicas (intervenção do estado na economia e socialismo em um caso e liberalismo econômico e globalização no outro). Não seria demais retomar uma frase do ex-presidente Fernando

Henrique Cardoso, dito nos anos 1990, de fato era preciso acabar com a Era Vargas e, a partir dela, discutir com os alunos<sup>(1)</sup> os seus possíveis significados<sup>a partir</sup> dentro da conjuntura política e social dos anos 1945-1964 e<sup>(2)</sup> seu impacto social.